

# A triste queda das árvores

No dia 8 deste mês de fevereiro, ao final da tarde, a Cidade foi varrida por um rápido e forte temporal, acompanhado de rajadas de ventos, fato que, além de vários problemas, acarretou a queda de 12 ingás e três ficus benjamim. Deixaremos de citar os ficus, já que a própria Administração não recomenda seu plantio, devido às dificuldades já bem conhecidas pela população.

Por diversas vezes sugerimos às administrações passadas que fossem feitos estudos para um projeto de arborização, com a utilização de boa parte de exemplares autóctones, floríferos e de porte adequado às nossas ruas e calçadas. Tal estudo poderia nos brindar com floradas em épocas distintas, sombras variadas e folhas não tão grandes, minimizando o custo da limpeza urbana. Ao longo das grandes avenidas, como as dos canais, exemplares maiores e criteriosamente escolhidos poderiam nos oferecer a sombra de suas copas com cores variados e periódicos. Nas praças, grandes e pequenas, árvores de porte avantajado também teriam seu lugar. Enfim, medidas que, se aplicadas, nos trariam uma vida mais alegre e agradável.

Mas, o que temos hoje é ainda essa quase monocultura do ingá, por nós combatida desde os anos 70. Já afirmamos em várias palestras: ruim com eles, pior sem eles! De qualquer forma eles proporcionam a sombra e o microclima ne-



cessários à boa qualidade de vida. Há, portanto, que adequá-los às nossas necessidades, até que possam ser substituídos um dia.

Já alertamos para o risco que é a poda indiscriminada das árvores. A existência de máquinas apropriadas para essa prática, se manipuladas por pessoas que ignoram a fisiologia e morfologia das plantas, põe em risco a integridade das mesmas (e da população também).

Lembremo-nos de que as árvores crescem naturalmente, distribuindo seus galhos e ramos menores de forma equilibrada e em função das ações do geotropismo, heliotropismo, velocidade e sentido dos ventos, características do solo, umidade etc. Na medida que se retira aleatoriamente uma porção de sua copa, haverá o conseqüente deslocamento de seu centro de gravidade (natural e perfeitamente localizado), o que vai aumentar bastante o perigo de queda. Com a aplicação da poda de rebaixamento ao redor de toda a sua copa tal

ameaça fica bastante minimizada.

Observando exemplares dos ingás tombados, verificamos que todos eles estavam muito altos e ainda não haviam sofrido as podas de rebaixamento, medida agora posta em prática na arborização da Cidade, por determinação da Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Vimos ainda que aqueles vegetais foram outrora radicalmente podados (podas de levantamento), objetivando seu crescimento vertical (o que forçou seus galhos de encontro à fiação elétrica) desfigurando por completo sua arquitetura natural. Como explicamos acima, essas podas de outrora certamente forçaram a distribuição do peso do conjunto erroneamente, fato que, reforçado pelo crescimento completamente fora do prumo, deve ter facilitado as quedas. Podemos constatar isso pelo elevado número de árvores tortas na Cidade, motivado por terem se desenvolvido sem um correto tutoramento e qualquer acompanhamento na fase inicial de crescimento.

Até que possamos substituir tais árvores de porte tão grande, por outras mais adequadas ao nosso ecossistema, tudo dentro de um plano geral de arborização, teremos que conviver com elas, com práticas e manejo em boa hora adotadas, adequando-as às nossas necessidades e condições. É com o que contamos. Insistimos: ruim com elas, muito pior sem elas.